

Parte I - Breve histórico da anatomia

1 - Anatomia, ensino e entretenimento

Ana Carolina Biscalquini Talamoni

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TALAMONI, ACB. Anatomia, ensino e entretenimento. In: *Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 23-37. ISBN 978-85-68334-43-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1

ANATOMIA, ENSINO E ENTRETENIMENTO

Os primórdios do saber anatômico

Mediante artefatos e inscrições que datam da Pré-História, é possível inferir que já nesse período existiam alguns conhecimentos anatômicos. Estes foram perpetuados ao longo da história, por exemplo, através de desenhos como as figuras que representam a anatomia humana encontradas nas montanhas de Tassili, no Saara, datadas de aproximadamente 3 mil anos antes da era cristã. Fósseis de crânios humanos perfurados permitem a inferência de que, por volta do ano 3000 a.C, a trepanação¹ era realizada tanto em pessoas vivas quanto em cadáveres, com finalidades místico-terapêuticas (História da Medicina, 1969a, 1969b).

A Anatomia na Antiguidade

Das inúmeras obras de Anatomia deixadas pela civilização antiga, destaca-se a Coleção Hipocrática, que abarca tratados de um

1 Técnica de perfuração do crânio, utilizada no período pré-histórico com o objetivo de livrar o indivíduo de demônios e maus espíritos. Atualmente, é uma técnica cirúrgica que visa efeitos terapêuticos.

vasto período, de 600 a.C. até cerca de 300 a.C. Aponta-se também para as contribuições de Aristóteles (384-322 a.C.), tanto no que tange à sua filosofia quanto às descrições anatômicas por ele ilustradas, que se constituíram em ferramentas importantes para o posterior desenvolvimento do conhecimento anatômico. Além disso, é atribuída ao filósofo grego a criação da Anatomia Comparada.

Quando se fala em Anatomia na Antiguidade, significativa foi a posição ocupada pela Escola de Alexandria.

A Escola de Alexandria e seus discípulos

Sediada na cidade de Alexandria, no Egito, a Escola de Alexandria constituiu-se na maior escola científica da Antiguidade Clássica. Reduto de reis ptolomaicos, comportava bibliotecas e museus, e foi o local no qual a Anatomia logrou pela primeira vez o *status* de disciplina. Segundo os registros de Galeno, as primeiras dissecações públicas de animais e corpos humanos teriam sido realizadas por Herófilo de Calcedônia² e por Erasítrato nesse mesmo espaço.

Nos primeiros dois séculos da era cristã, destacaram-se as produções de Rufo de Éfeso e de Sorano de Éfeso,³ que estudaram em Alexandria por volta do ano 50 d.C. Dentre os poucos anatomistas do período acerca dos quais se tem conhecimento, destacou-se ainda Marino de Tiro, seu discípulo Quinto, Numisiano, Sátiro, Pélops e Lico, o Macedônio, entre outros alunos da escola de Alexandria que acabaram por influenciar Galeno de Pérgamo (129-199 d.C.).

2 Das contribuições de Herófilo à Anatomia, merece destaque o fato de que ele reconheceu o cérebro como órgão central do sistema nervoso e o considerou como sede da inteligência, além de ter dividido os nervos em motores e sensitivos (Singer, 1996).

3 Foi de autoria de Sorano a obra *Sobre as doenças das mulheres*, cujo resumo circulou por volta do século VI, sob o título de *Muscio*. Acredita-se que essa súpula tenha sido redigida para o uso de parteiras, e que seja uma pequena amostra das obras médicas legadas pelo autor.

Considerado o “príncipe dos médicos”, Galeno foi uma figura fundamental na história da medicina por realizar investigações que se apoiavam tanto nos escritos hipocráticos quanto nos aristotélicos (Castiglione, 1947). No que tange à Anatomia, Galeno transpôs os conhecimentos que possuía acerca da Anatomia Animal (a única prática anatômica registrada nesse período) para a Anatomia Humana. Embarcou em hipóteses de base fisiológica para pensar as funções dos diversos órgãos e fundou sua teoria acerca do *pneuma*, essência da vida. A filosofia anatômica de Galeno era descritiva e de cunho filosófico estoico, de modo que o “príncipe dos médicos” procurou justificar a forma e a estrutura de todos os órgãos em relação às funções para as quais ele acreditava que fossem destinados. Das suas contribuições, é possível apontar para o estudo do esqueleto humano, do sistema muscular, além de uma descrição do funcionamento do sistema circulatório, que, apesar de conter uma série de inferências equivocadas, seria utilizada até as descobertas de William Harvey, no século XVII. Apesar de Galeno ter “consciência da diferença existente entre determinados músculos de animais descritos por ele e os do homem”, ele utilizou, para suas dissecações, basicamente animais como bovinos e macacos (Singer, 1996).

O período entre a morte de Galeno e a primeira tradução de uma obra de material médico no século XI, no Mosteiro de Monte Cassino, sul da Itália, constituiu a “Idade das Trevas” da Anatomia. Acredita-se que tanto o modo de vida quanto as sensibilidades nutridas pela sociedade medieval frente ao corpo humano teriam levado ao processo de diminuição da construção de conhecimentos que atingiu a Anatomia, a Medicina e outras áreas do saber (Singer, 1996).

O surgimento das universidades na Europa

Os séculos X e XI foram pontuados pelo aumento demográfico aliado à expansão territorial empreendida pelas cruzadas, o que

permitiu o renascimento comercial. Com a retomada das atividades comerciais e a formação de espaços urbanos, as universidades proliferaram, com o intuito de atender às necessidades de conhecimentos por parte dos comerciantes, no processo de expansão de seus negócios. Além disso, a própria forma de organização social que surgia clamava por certos serviços, como aqueles relativos à jurisprudência e à medicina.

Em um ambiente fundamentalmente escolástico, o ensino das universidades em geral, bem como o ensino da Anatomia, era baseado nas traduções de textos árabes, como os tratados de Avicena, Hali e Rhazes. Como a observação da natureza ainda era negligenciada nesse período, não havia instrumentação prática em Anatomia. A primeira dissecação pública, ou semipública, no espaço universitário da qual se tem conhecimento ocorreria apenas no início do século XIV, mais precisamente no ano de 1302, na Universidade de Bolonha.

A Universidade de Bolonha, uma das mais antigas do mundo, possuía desde o século XII uma faculdade de Direito, à qual estava subordinada uma estruturada faculdade de Medicina (Laín Entralgo, 1999). A relação entre as duas disciplinas certamente contribuiu para que as primeiras dissecações fossem realizadas nessa instituição.

Do século XIII ao início do século XVI, os avanços no conhecimento anatómico foram paulatinos, baseados na contínua revisão e ampliação de tratados preexistentes. A Anatomia Macroscópica foi privilegiada nesse período, mas para seu desenvolvimento foi necessário o aprimoramento das técnicas de observação, de dissecação, de descrição, de ilustração e o gradual refinamento terminológico, processo para o qual Mondino de Luzzi é considerado o precursor.

Mondino de Luzzi (1270-1326) nasceu e estudou em Bolonha, onde foi aluno de Tadeu, discípulo de Mondeville. Graduou-se aproximadamente no ano de 1290, e fez parte do corpo docente da universidade a partir de 1306; trabalhou sistematicamente em Anatomia e dissecou o corpo humano publicamente. Foi considerado o

“restaurador” da Anatomia, tendo publicado, em 1316, o tratado *Anathomia*, considerado o primeiro trabalho “moderno” de Anatomia, baseado na difícil prática da dissecação.⁴

Também é atribuído a Mondino o pioneirismo na utilização de cadáveres com fins didáticos, que, em sua forma, guarda muita semelhança com os estudos práticos realizados na atualidade: os cadáveres eram a base empírica que auxiliava na memorização do livro-texto, e não numa investigação que reivindicava algo novo. Outra semelhança entre o ensino do anatomista italiano e o ensino atual de Anatomia reside na presença das figuras do *ostensor* (aluno, atualmente a figura do “monitor”), que direcionava a prática da dissecação indicando as linhas de incisão, e do *demonstrator* ou *incisore* (criado, atualmente o técnico), que efetuava os procedimentos. O papel dos alunos, por seu turno, era ficar ao redor do cadáver, de onde realizavam observações.

Essa disposição das pessoas e do cadáver no momento do ensino juntamente com os instrumentos de dissecação, cada qual com seu lugar específico a ocupar, e com um papel a desempenhar, consagraram o ritual da aula de Anatomia em um espaço peculiar, denominado “estúdio anatômico” – os atuais “laboratórios de Anatomia”.

Do século XIII ao século XVI, o desenvolvimento da Anatomia concentrou-se no cenário italiano e expandiu-se para outros países, em detrimento da bula papal promulgada em 1300.⁵ Sua inclusão enquanto disciplina nas universidades foi pautada também pelo aprimoramento das formas de representação das estruturas corporais engendradas pelo processo de ilustração do corpo, o que se tornou possível devido à influência do naturalismo na arte italiana.

4 Naquele período, as substâncias conservantes ainda eram desconhecidas, o que implicava o rápido procedimento da dissecação, que deveria ser realizada sobretudo no inverno. As técnicas mais utilizadas por Mondino e seus contemporâneos foram a dissecação *a fresco*, recomendada para o estudo dos nervos; a maceração, para indicar a direção geral de músculos, tendões e ligamentos; e, ainda, preparações secas ao sol.

5 Essa bula proibia a maceração.

Um segundo movimento, o humanismo⁶ (1450-1550), veio somar-se a esse processo, contribuindo para a recuperação das obras clássicas de Aristóteles, Hipócrates e Galeno, que passaram a ser traduzidas dos originais em grego, que estavam sendo recuperados nas bibliotecas conventuais.⁷

Dentre os feitos anatômicos que podem ser pontuados no século XV, por exemplo, destacou-se a postura observadora de Leonardo da Vinci, que proporcionou a realização de ilustrações acuradas acerca do corpo humano que foram, de certa forma, expressões antecipadas do movimento renascentista do século XVI sob a tendência naturalista⁸ (que se estabeleceu a partir do final no século XIII).

Precursor da influência da arte renascentista italiana sobre a Anatomia,⁹ Leonardo, que utilizou pela primeira vez o termo “demonstração”, foi considerado um dos maiores anatomistas de todos os tempos. Suas descobertas eram originais para a época, mas pouco contribuíram com o estágio mais avançado da disciplina anatômica, pois só foram encontradas dois séculos depois, por Johann Blumenbach (1752-1840) e William Hunter (1718-1783), sendo que tais textos foram publicados entre os anos de 1898 e 1916. Suas contribuições, do ponto de vista anatômico, só podem ser elencadas retrospectivamente, mas a precisão e a objetividade de suas ilustrações inspiram, ainda nos dias atuais, a construção de novos esquemas anatômicos (Clendening, 1942).

6 O humanismo foi um movimento filosófico surgido em Florença, no século XIV, que buscou recuperar as produções clássicas. Foi nutrido por um grupo de profissionais intelectuais aficionados pelas letras (Laín Entralgo, 1999).

7 Em 1478, foi traduzido o primeiro trabalho de Celso, que permaneceu desconhecido ao longo da Idade Média. Suas contribuições alteraram significativamente os conhecimentos anatômicos de até então. Os termos “ânus”, “abdômen”, “cartilagem”, “patela”, “rádio”, “escroto”, “tíbia”, “tonsila”, “útero” e “vértebra” pertenciam à nomenclatura celsiana e são utilizados até hoje.

8 Movimento filosófico-artístico pautado pelo intuito de representar o real, o natural e o humano nas artes.

9 Dentre eles, destacam-se também Michelângelo (1475-1564), Raphael (1483-1520), Lucca Signorelli (1444-1523), Albrecht Dürer (1471-1528) e Leonardo da Vinci (1452-1519).

Dentre os expoentes da Anatomia no século XV, destacou-se ainda Antonio Benivieni (1443-1502), pioneiro no uso da necropsia;¹⁰ da vertente humanista, Alessandro Benedetti¹¹ (1452-1512) foi um dos estudiosos que mais contribuíram para a ascensão de Pádua no cenário anatômico europeu. Já o humanista inglês Thomas Linacre¹² (1460-1524) dedicou-se à tradução das obras de conteúdo anatômico de Galeno; Jacob Berengario da Capri¹³ (1470-1550) foi professor de cirurgia em Bolonha e um dos primeiros a publicar textos ilustrados com figuras elaboradas a partir das dissecações que realizou no período de 1502 a 1527.

Andreas Vesalius e a Anatomia no século XVI

Na história da Anatomia, o século XVI mostra-se de grande relevo em razão da obra do anatomista Andreas Vesalius (1514-1564). No cenário italiano, Vesalius revelou-se um ferrenho defensor da técnica da dissecação, que considerava como a única forma de se conhecer realmente o corpo humano. O intuito de sua obra era, a partir da dissecação sistemática de cadáveres, abandonar o caráter “revisionista” que prevalecia nas investigações anatômicas.

Seu estudo intitulado *De humani corporis fabrica* foi concluído em 1543. O impacto que causou se deveu tanto ao nível de apuração dos detalhes anatômicos abarcados por suas ilustrações quanto pelo veio artístico de sua obra, de caráter tipicamente renascentista,

10 O objetivo dos estudos apresentados em seu pequeno tratado *De abditis nonnullis acriiirandis Morborum et Sanationum Causis*, publicado em 1507, era estabelecer, através de estudos comparativos, a *causa mortis* dos cadáveres. Foi um dos precursores da Anatomia Patológica.

11 Benedetti fundou o anfiteatro de Anatomia da Universidade de Pádua e, em 1493, publicou a obra *Cinco livros de Anatomia, sobre a história do corpo humano*. Introduziu o termo “válvula”, como utilizado atualmente.

12 Fundador do *Royal College of Physicians*, na Inglaterra.

13 Coube a Capri a primeira descrição do apêndice vermiforme e do timo, além de outras contribuições em Anatomia Comparada.

acrescida de influências galênicas, naturalistas e escolásticas (Vesalius, 2002).

Ao mesmo tempo que Vesalius se dedicava à pesquisa científica sobre o corpo humano ele dissecava animais, retomando a prática da Anatomia Comparada, cuja tradição remontava a Galeno. No entanto, em uma perspectiva nova na trajetória anatômica, a dissecação de animais realizada por Vesalius não objetivava a compreensão da anatomia humana e sim a sua paulatina distinção, permitindo-lhe identificar e corrigir inúmeros equívocos presentes nas obras de Galeno.

Assim, o desenvolvimento da Anatomia Descritiva teve na figura e na obra de Vesalius um momento de renovação a partir do qual novas estruturas corporais foram sendo identificadas e/ou nomeadas. Dentre seus discípulos destacaram-se Gabriel Falópio (1523-1562) e Fabricio Aquapendente (1537-1619).

A obra de Vesalius foi a síntese de um movimento histórico-cultural mais amplo que permeou a Europa renascentista. O fio que conduziu sua construção, assim como ela se mostrou, foi engendrado por uma visão global do corpo, o microcosmo que existia em consonância com o macrocosmo, segundo a revolução copernicana.

William Harvey e a circulação sanguínea

Em 1628, o inglês William Harvey (1578-1657) despontou no cenário anatômico mundial ao publicar, em Frankfurt, o *Estudo anatômico do movimento do coração e do sangue dos animais*. Seu tratado alterou profundamente a concepção do organismo humano, que a partir de então passou a ser pensado em termos fisiológicos.

Harvey procurou investigar a anatomia a partir de bases mecânicas e físicas, esforçando-se em suprimir os suportes teológico-filosóficos de pensamento que predominavam até então. A observação do sistema circulatório de répteis permitiu a Harvey fazer considerações prévias e levantar hipóteses acerca da circulação humana. Para provar sua teoria, Harvey realizou uma série de

experimentos que incluíram a observação sistemática do coração e seu funcionamento em organismos vivos. Foram utilizados para esses experimentos algumas espécies de serpentes e, depois, o uso de torniquetes e garrotes no braço humano vivo. Através desta última experiência, Harvey pôde constatar os efeitos da compressão das veias e artérias. A contribuição de sua obra foi comprovar a hipótese de que o fluxo sanguíneo era circular e constante, e que a função do coração era justamente manter esse fluxo contínuo (Harvey, 2009; Friedman; Friedman, 2001).

A teoria de Harvey foi resultado de uma série de observações anatômicas rigorosas que demandaram técnicas de vivissecação e dissecação, complementadas por um estudo teórico minucioso das descrições e ilustrações anatômicas disponíveis, oferecidas por Galeno, Vesalius, Fabricio, Colombo, Ruini, dentre outros. O grande mérito de seu tratado foi ter aliado os conhecimentos anatômicos a uma perspectiva fisiológica do corpo, ultrapassando os limites impostos pela fisiologia aristotélica. Provavelmente coube a Harvey o início da experimentação moderna (Lain Entralgo, 1999).

A Anatomia depois de Harvey

O homem dos séculos XVIII e XIX poderia ser descrito como o “homem da ciência”, que gradativamente desvendava os mistérios da física, explorava temas como a eletricidade, o magnetismo, o calor, a óptica, os gases e a astronomia etc. As descrições da natureza acumuladas nos séculos anteriores resultavam em novas indagações, modificando as perguntas e reajustando os olhares. Do “o quê”, passou-se pouco a pouco ao “como” e, finalmente, ao “por quê”. Ao final do século XVIII, a Anatomia Descritiva já tinha investigado, identificado e descrito grande parte das estruturas corporais humanas, cedendo lugar, paulatinamente, à Anatomia Topográfica (Coleman, 1977).

Foi também o período de surgimento da Anatomia Patológica, inaugurada por Morgagni, e do ressurgimento da Anatomia Com-

parada, representada por Albrecht von Haller¹⁴ (1708-1777), John Hunter (1728-1793) e Georges Cuvier (1769-1832), que propunham uma Anatomia Funcional que professava que “no coração desta doutrina estava a noção de que se deve examinar as partes do corpo como anatomista mas entendê-las como um fisiologista” (Coleman, 1977, p.18).

Quanto à Anatomia Patológica, destacou-se a figura de Giovanni Battista Morgagni (1682-1771), que, com o emprego da Anatomia Macroscópica, foi o primeiro a estabelecer relações entre os órgãos humanos e os sintomas das doenças, através da realização de aproximadamente setecentas necropsias. Dentre suas contribuições, salienta-se a importância do diagnóstico e do prognóstico no exercício da medicina. Charles Bell (1774-1842) e François Magendie (1783-1855) também figuraram dentre os mais proeminentes anatomistas do século XVIII em razão de suas descobertas sobre os nervos espinhais.

A Anatomia Descritiva Macroscópica foi “esgotando-se” ao longo do século XVIII (Coleman, 1977). Exemplo disso é que, dentre os grandes nomes dessa modalidade específica da Anatomia, nesse período, destacaram-se William Sharpey (1802-1880) e Henry Gray (1827-1861), ambos reconhecidos por suas contribuições tanto na organização de algumas das edições do *Quain's Anatomy*¹⁵ quanto na publicação do *Gray's Anatomy*, obras destinadas à melhoria do conhecimento da anatomia humana por parte de médicos-cirurgiões, cujas atividades foram impulsionadas pelo advento da anestesia (Hayes, 2008, p.18).

O desenvolvimento científico do século XIX, por seu turno, buscou salientar a dimensão ativa do homem no ato de conhecer,

14 Em seu texto *Elementa Physiologiae Corporis Humani*, Von Haller versou sobre sua teoria da sensibilidade dos nervos e a irritabilidade dos músculos, base da neurofisiologia moderna (Porter, 2004, p.90).

15 *Quain's Elements of Anatomy*. Compilação em três volumes de livros-texto das contribuições anatômicas de John Quain (1796-1865), Richard Quain (1800-1887) e Sir John Richard Quain (1816-1876).

sendo sua expressão máxima, de um lado, o idealismo hegeliano do início do século e, do outro, o positivismo de Augusto Comte (1798-1857). Destaca-se nesse período o surgimento de novas técnicas de medição e aferição que fizeram do século XIX o século da instrumentalização da biologia e da medicina, oferecendo bases concretas para novas descobertas, inclusive no âmbito anatômico. Não se tratava de novas estruturas corporais a serem identificadas e descritas, mas, antes, de novas formas de visualização do interior do corpo, o que dava abertura para novas perguntas, de base fisiológica. Em 1816, René Théophile Hyacinthe Laënnec (1781-1826) inventou o estetoscópio, permitindo a ausculta pulmonar. Em 1830, o microscópio foi aperfeiçoado através da correção de distorções, o que comportou avanços na histologia, enquanto a microscopia avançada permitiu o desenvolvimento da citologia por Rudolf Virchow (1821-1902), e da bacteriologia por Louis Pasteur (1822-1895) e Robert Koch (1843-1910). Em 1847, Karl Ludwig (1816-1895) introduziu o quimógrafo, aparelho fundamental para o acompanhamento de sinais vitais durante experimentos com seres vivos; em 1850, Hermann von Helmholtz (1821-1894) criou o oftalmoscópio e, em 1854, o oftalmômetro. Em 1860, o fisiologista polonês Johann Czermak (1828-1873) criou o laringoscópio, o primeiro aparelho a permitir a visualização interna do corpo sem uso do bisturi.

Em 1868, o químico alemão August Wilhelm von Hoffmann (1818-1892) descobriu o formol e passou a utilizá-lo como conservante em cadáveres da Anatomia. Em 1895, o professor de física alemão Wilhelm Roentgen (1845-1923) apresentou à comunidade científica a primeira imagem em raios X da história. Em 1896, o fluoroscópio permitiu uma imagem interna, porém transitória, do interior do corpo, possibilitando a visualização dos movimentos do coração e o funcionamento dos pulmões. No que tange à Anatomia, em 1910, o emprego de figuras de raios X permitiu a constatação de que as disposições dos órgãos alteram-se em função da posição do corpo; enfim, os raios X proporcionaram imagens internas do corpo sob prismas até então inimagináveis (Porter, 2004; Reiser, 1990).

Anatomia e entretenimento: as dissecações públicas e os anfiteatros de Anatomia

Em meados do século XIV, enquanto as dissecações tornavam-se cada vez mais comuns no âmbito acadêmico italiano, um decreto oficial ordenou ao Colégio de Médicos e Cirurgiões de Veneza que efetuasse pelo menos uma dissecação pública por ano. Tratava-se do agendamento de um evento de periodicidade regular – geralmente no inverno – oferecido à apreciação pública, que ao longo do século XIV e XV passou a ser praticada não só na Itália como na Inglaterra e França (Laín Entralgo, 1999, 1954).

As dissecações públicas anuais eram um evento social esperado tanto pela comunidade hipocrática quanto pelo público leigo. Realizavam-se em teatros anatômicos projetados segundo algumas especificações, sendo que a maioria delas se referia à “visibilidade do espetáculo”, em detrimento das normas de higiene e de moral que mais tarde as restringiriam (Le Breton, 1993).

A princípio, as dissecações eram realizadas no período do Carnaval, e costumavam obedecer a um ritual mais ou menos ordenado. Iniciando-se com uma missa dedicada ao morto, passava-se à realização da dissecação propriamente dita e, no final, havia um grande banquete no qual se reunia a elite médica. Rapidamente tornou-se um evento social da maior importância, um “ponto de encontro”, celebração de um tipo de divertimento mundano, no qual muitos dos participantes leigos se apresentavam trajando fantasias (Le Breton, 1993).

Para obedecer a um padrão cultural que passou a ser valorizado, e para sintonizar-se com um novo tipo de sensibilidade, barroca, para a qual os limites entre o belo e o grotesco, o agradável e o repugnante tornaram-se imprecisos e maleáveis, a aristocracia anglo-saxônica logo tratou de providenciar seus próprios anfiteatros, que proliferaram ao longo dos séculos XV e XVI. Nos teatros anatômicos particulares eram realizadas sessões privadas de dissecação para um número restrito de “convidados”.

Essa sensibilidade anatômica encorajou não só a proliferação dos teatros anatômicos particulares como também as práticas de se

coleccionar órgãos e esqueletos humanos. As imagens mórbidas da carne apontadas pela dissecação ampliaram os limites do que se poderia “ver”, e casos de malformação física, mutilações e exposição de corpos putrefatos passaram a ser alvo de curiosidade e audiência semelhantes.

As imagens e o imaginário oferecidos pela prática anatômica exerceram, portanto, uma forte influência sobre as sensibilidades coletivas, sobretudo no que concernia às questões da vida e da morte. A banalização da morte engendrada pelas teatralizadas dissecações públicas contribuiu para esse fenômeno, que aproximou a realidade do corpo à dos homens, lembrando-lhes de sua precariedade e de seu destino (Le Breton, 1993).

Se as lições de Anatomia, por um lado, foram ganhando cada vez mais legitimidade e adesão pública, por outro, geravam conflitos em virtude da origem dos cadáveres e de outras questões religiosas. A princípio deveriam ser utilizados corpos de indivíduos condenados por homicídio e executados por enforcamento (os mesmos corpos que eram destinados às dissecações dentro das universidades) (Le Breton, 1993, p.143; Arasse, 2008). No entanto, muitas vezes, a dissecação era parte da pena imposta ao criminoso, o que gerava reticência por parte do público. Esse fato conferia um caráter punitivo e exemplar para a sociedade, e nesse encaminhamento o anatomista ou cirurgião era apenas “mais um carrasco” (Richardson, 2000, p.75-6).

O aumento do número de teatros anatômicos (inclusive particulares) e a ampliação do pleito por corpos requisitados pelas universidades fizeram com que a demanda por cadáveres aumentasse vertiginosamente em comparação ao rol de executados disponibilizados pelas autoridades, fazendo surgir o fenômeno “infame” dos roubos de cadáveres que marcaram os grandes centros europeus ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Na maioria das vezes, os furtos ocorriam em cemitérios da própria cidade onde posteriormente os corpos seriam dissecados, não sendo raros os casos nos quais um espectador ou estudante de Anatomia deparava-se com um “co-nhecido” na mesa de dissecação. Acredita-se que Vesalius, na Universidade de Pádua, tenha utilizado para dissecação, basicamente,

cadáveres roubados por seus alunos, e que ele próprio, durante sua formação, teve acesso ao ossário do Cemitério dos Inocentes, de Paris (Saunders; O'Malley, 2002).

O problema da origem e obtenção dos corpos e, sobretudo, a doação, por parte das autoridades, dos corpos de suicidas, prostitutas e não reclamados dificultaram a instituição da Anatomia como disciplina científica independente e autônoma. Ela precisaria, antes, desvencilhar-se da performance pública, do caráter de espetáculo com o qual tinha sido investida. Ela precisaria ser despolarizada, porém, já em meados do século XIX, Sir Astley Cooper, um dos mais renomados cirurgiões de Londres, discursava sobre as inúmeras contribuições do estudo empírico proporcionado pela prática da dissecação, realizada semanalmente – às segundas-feiras – no lotado Surgeon's Hall, anfiteatro fundado pelo College of Surgeons.

Esse evento, além de ser uma extensão do “espetáculo” da execução pública, correspondia, para o próprio público, não raras vezes pagante, à exposição de um capítulo à parte da história individual que ensinava uma contemplação ainda maior: o processo da morte e da corrupção do cadáver. Uma das contingências que certamente levaram à adesão pública foi o medo generalizado da morte e, mais precisamente, do *post mortem*. A aversão ao purgatório foi paulatinamente substituída por outros temores. Nutria o imaginário coletivo, por exemplo, o medo de ter o corpo subtraído da sepultura ou, ainda, de ser enterrado vivo.

A questão do momento da morte foi amplamente explorada nessas ocasiões. As dissecações realizadas pelo físico italiano Giovanni Aldini (1762-1834) constituíam-se em verdadeiros shows, superlotados e aclamados pelo público, sobretudo nas ocasiões em que o anatomista adotou técnicas de galvanização.¹⁶

A estimulação dos corpos através de correntes elétricas comumente causava reações musculares involuntárias, de modo que as

16 Referência aos experimentos realizados por Luigi Galvani (1737-1798) que consistiam na estimulação dos corpos através da eletricidade. A eletricidade, nesse encaminhamento, substituiu temporariamente a noção abstrata de “força vital”, anteriormente proposta por John Hunter.

dissecações públicas foram palco para tentativas de “ressuscitação” momentânea – provavelmente um dos motivos da popularidade de Aldini e, certamente, a mola propulsora para o Murder Act de 1812, que proibiu esses experimentos durante as dissecações.

A princípio considerada como uma prática macabra destinada a pessoas de “gosto duvidoso”, a dissecação paulatinamente foi banida do cotidiano social dos leigos, à medida que foi se tornando o privilégio de uma classe cada vez mais restrita de “iniciados”. De início, limitou-se aos anfiteatros das escolas públicas e/ou privadas de Anatomia; depois, ao final do século XIX, passou a ser uma exclusividade da classe médica, encerrando-se definitivamente dentre os muros da academia, com o advento da ciência moderna, no início do século XX.

Na Inglaterra, as últimas dissecações públicas foram realizadas em 1832, quando a lei que regulamentava essa prática, o Anatomy Act, do mesmo ano, foi implementado pelas autoridades. O espetáculo da dissecação só viria a ser proporcionado em Londres novamente, sob torrentes de críticas e empecilhos legais, no começo do século XXI, com a chegada da exposição itinerante de corpos de Gunther von Hagens (MacDonald, 2006, p.2).

Enfim, as dissecações públicas surgiram no contexto social renascentista para, sob os auspícios do naturalismo, suprir a necessidade do homem de se conhecer a partir do conhecimento do próprio corpo. A intensidade com a qual esses eventos foram investidos, tanto psicológica quanto emocional e culturalmente, permitiu que a realidade irrefutável da finitude do corpo fosse incorporada à sensibilidade europeia.

Com o advento da modernidade e com a necessária organização das instâncias científicas, as dissecações, enquanto práticas culturais, deixaram sua esfera mais ampla para restringirem-se à subcultura científica, aos laboratórios de Anatomia, às aulas práticas de cirurgia e aos museus universitários. Nesses casos, o cadáver passou a ser um objeto anônimo de ensino. É com esse objeto anatômico-científico, dotado de uma história que a Anatomia tenta permanentemente exorcizar, que se deparam professores e estudantes de Anatomia na atualidade.